1.º Anno | 1897—Abril | N.º 1

A VINHA AMERICANA EM PORTUGAL

REVISTA PUBLICADA

POR

FRANCISCO ANTONIO PALMA DE VILHENA

AGRONOMO DO DISTRICTO DO PORTO

Director da Estação Chimico Agricola do Porto e vogal da commissão promotora do Commercio de vinhos e azeites

Secretario — RAUL MAIA

Esta Revista apparece 2 vezes por mez, tendo cada numero 16 paginas e 1 figura colorida em cada mez.

A redacção promptifica-se a responder nas columnas da VINHA AMERICANA EM PORTUGAL a quaesquer consultas que lhe forem dirigidas sobre assumptos agricolas

PREÇO DA ASSIGNATURA		ANNUNCIOS NA CAPA	
Por anno	2$000	1/2 Pagina	2$000
Avulso	300	1/4 »	1$100
		1/8 »	600

Não se acceitam assignaturas por menos de um anno

A ASSIGNATURA É PAGA ADIANTADA

Toda a correspondencia relativa á redacção e administração deve ser dirigida ao secretario RAUL MAIA

RUA DO BOMFIM, 244—PORTO

ROLÃO-PALMA

da fabrica — «A AFRICANA» — em Lordello do Ouro

DE

MARTINS IRMÃOS & OLIVEIRA

Excellente producto para alimentação do gado e para adubo de terras

Escriptorio—Rua de Bellomonte, 12-1.º—Porto

AOS AGRICULTORES PORTUGUEZES

GUANO DE CARANGUEJO

EM PÓ, SEM CHEIRO

FABRICA DO CABEDELLO

Proprietario — A. SIMÕES LOPES

Escriptorio, rua da Fabrica, 3 — PORTO

Este poderoso adubo é riquissimo em **Azote** e **Acido phosphorico**, bem como nos outros dois **elementos nobres**.

E' um adubo **completo**, e por isso applicavel com superior vantagem a **todas as culturas e a todos os terrenos**. O **humus** organico que constitue a massa geral d'este guano o tornam um producto de primeira ordem para as boas colheitas. E' o caranguejo e animaes inutilisados, e peixe, com a respectiva casca e ossos, tudo reduzido a pó. Foi nas vinhas, principalmente, que nos annos precedentes se teem assignalado os seus notaveis resultados. Na cultura dos cereaes, legumes, arvores de fructo este adubo **organico** tem dado sempre resultados seguros. O emprego de 300 grammas por metro quadrado, é **boa adubação**.

Preço por tonelada, incluida a saccaria . . 24$000

Enviam-se para todo o paiz folhetos, com amplas instrucções, a quem os requisitar.

FABRICA DE SULPHURETO DE CARBONEO

Propriedade do Estado

Pedidos a JOSÉ AUGUSTO MONTEIRO

Rua da Nova Alfandega, 14

PORTO

ALFREDO FERREIRA DE FARIA

219, Rua Formosa, 223

PORTO

DEPOSITO DE MACHINAS AGRICOLAS E INDUSTRIAES

1.º ANNO 1897—ABRIL N.º 1

A VINHA AMERICANA EM PORTUGAL

SUMMARIO

A Vinha Americana em Portugal — Redacção. — *O Black-Rot* — Palma de Villhena. — *A Rupestris du Lot* — D. Luiz de Castro. — *Alterações do vinho* — A. Magalhães. — *Adubos agricolas* — Carlos Affonso. — *A vinha do Japão na Europa* — Palma de Villhena.

Estampa colorida — Black-Rot

COLLABORADORES

Affonso Cabral — Affonso de Mesquita Chaves — Alexandre de Souza Figueiredo — Dr. Antonio José da Cruz Magalhães — Carlos Affonso — Conde de Samodães — Diogo de Macedo — Francisco Antonio Palma de Villhena — Francisco Simões Margiochi — Guilherme A. da Silveira — José Taveira de Carvalho Pinto de Menezes — D. Luiz de Castro — Manoel Rodrigues de Moraes — Manoel Duarte Guimarães Pestana da Silva — João Viegas Paulo de Nogueira — Visconde de Villar Allen — Visconde de Villarinho de S. Romão — Raul Maia.

A Redacção acceita informações ou indicações praticas sobre os diversos ramos de agricultura e tratamentos agricolas.

A Redacção promptifica-se a responder nas columnas da *Vinha Americana em Portugal* a quaesquer consultas que lhe forem dirigidas sobre assumptos agricolas.

A VINHA AMERICANA EM PORTUGAL

Em todos os paizes onde se cuida de divulgar a instrucção agricola, onde se fixa a preoccupação louvavel de proporcionar tão conveniente e benefico auxilio á população que vive da exploração dos campos, constitue o jornal agricola, um dos mais poderosos factores para a propaganda dos conhecimentos essenciaes ao progressivo e sensivel aperfeiçoamento da agricultura, industria esta que, bem aproveitada, representa evidentemente um solido sustentaculo da prosperidade geral.

E' o jornal agricola, por assim dizer, o obreiro que accumula e agrupa, em methodica e util disposição, os conheci-

mentos especiaes e necessarios para a racional e lucrativa exploração da terra e que o agricultor assim póde facilmente utilisar.

São estas publicações o valioso auxiliar que expõe e esclarece os mais variados e complexos assumptos relativos á agricultura, realisando d'essa fórma, a missão de, ampla e vantajosamente diffundir a instrucção especial, como meio d'aproveitamento das riquezas enormes que se podem auferir dos diversos ramos de tão importante industria; despertando iniciativas particulares que ficariám inertes em prejuizo proprio e geral, dando-lhes as bases necessarias para a sua boa e proveitosa orientação.

Levados por esta ordem d'idéas, resolvemos publicar *A Vinha Americana em Portugal* como um modesto elemento, além das distinctas e valiosas publicações d'este genero que já existem entre nós, a concorrer para que se conquiste a prosperidade da agricultura no nosso paiz, em que ella tanto carece de ser melhorada nos seus processos, em que o desenvolvimento e conveniente exploração de tão valiosa industria póde representar, um dos mais poderosos meios a influir efficazmente para o melhoramento da crise geral em que nos encontramos.

E se nos falta a competencia para emprehendimento tão difficil e trabalhoso, anima-nos a importancia do auxilio que agronomos e viticultores de grande e reconhecido merito obsequiosamente nos dispensam acompanhando-nos na missão que nos propomos encetar.

A Vinha Americana em Portugal no intuito de satisfazer cabalmente ao fim a que se destina, põe as suas columnas á disposição de todos os que com os seus esclarecimentos, nos queiram obsequiar, tornando mais completa e proveitosa a nossa modestissima cooperação no trabalho de propaganda d'instrucção agricola já tão brilhantemente iniciada entre nós por publicações d'egual natureza.

A Redacção.

O BLACK-ROT

Em todas as regiões viticolas da Europa occupa presentemente a attenção dos viticultores a doença das vinhas conhecida com o nome de *Black-Rot*.

N'algumas d'essas regiões teem-se repetido os congressos que tem por fim procurar uteis e urgentes providencias no sentido de contrariar tão prejudicial e devastadora doença.

Entre nós e por deliberação da Ex.ma e illustrada Direcção Geral d'Agricultura egualmente se tomaram já as medidas necessarias e convenientes para o reconhecimento de qualquer manifestação d'esta doença e para evitar a sua nociva e perigosa propagação no nosso paiz.

Tem o *Black-Rot* a sua origem nos Estados Unidos da America, onde appareceu a primeira vez em 1848. N'alguns pontos d'aquelles Estados os estragos que este epyphitia tem produzido chegaram a ser tão consideraveis que deram logar ao completo abandono da cultura da vinha.

Parece ter sido Prillieux quem observou em 1882 o *Black-Rot* em uvas procedentes de S. Luiz (Missouri); só porém em 1885 os snrs. Viala e Ravaz confirmaram o apparecimento d'esta doença, em França, em uvas provenientes da escola de La Gaillarde, situada nas proximidades do Ganges.

D'este primitivo foco d'infecção se tem alastrado por diversos departamentos de França, onde n'alguns annos foram consideraveis os estragos que produziu. O fungo considerado como causa do *Black-Rot* foi classificado primeiramente por Berkeley e Curtiss com o nome de phoma uvicula, achando-se hoje classificado no genero Laestadia e com a designação botanica de Guignardia Bidwellii.

Teem os americanos empregado os maiores esforços para conseguirem uma casta que se revelasse indemne a este flagelo da vinha,

Foram, porém, até agora infructiferas as tentativas fei-

tas com a plantação da vitis americana e de diversas variedades européas.

Algumas castas revelam maior ou menor resistencia, sendo a *Vitis Rupestris* entre as variedades americanas, a que raras vezes apresenta lesões devidas ao *Black-Rot*.

Comquanto os estragos produzidos por esta doença das vinhas sejam tão consideraveis na America, como acabamos de referir, não tem sempre succedido o mesmo nos paizes da Europa onde se tem manifestado, pela feliz coincidencia do seu apparecimento com a epocha em que já era geral a applicação dos preparados cupricos no tratamento das vinhas invadidas pelo *mildiw*.

É com uma temperatura elevada e bastante humidade athmospherica que o *Black-Rot* se desenvolve. É assim que nas regiões mais proximas do mar e dos rios é mais frequente o seu apparecimento, e maior a intensidade das suas invasões.

Não temos elementos para podermos affirmar que em Portugal se tenha dado já alguma manifestação de *Black-Rot*. Tendo, porém, conhecimento de importantes estragos a que esta doença póde dar logar, é conveniente todo o cuidado em effectuar os tratamentos que contrariam ao mesmo tempo as manifestações do *mildiw* e do *Black-Rot*, pondo-se o viticultor ao abrigo dos enormes prejuizos que qualquer d'estas duas doenças póde occasionar.

É todavia certo que não se póde contar sempre com a efficacia dos tratamentos com os preparados cupricos, sobretudo em regiões onde se accentuam as condições meteorologicas do clima mais adequadas ao desenvolvimento do *Black-Rot*. Em França, onde a viticultura aperfeiçoada e cuidadosa não deixa de utilisar os tratamentos mais preconisados para o tratamento d'esta e outras doenças da vinha, foi, comtudo, completo o prejuizo que n'alguns pontos, o *Black-Rot* occasionou na ultima colheita.

Em todo o caso, apezar das circumstancias excepcionaes

BLACK HOT

da invasão que apontamos, haverá sempre toda a vantagem em fazer o tratamento com os preparados referidos.

Na estampa que representa as folhas e cachos de videiras atacadas por este phylloxera, observam-se nitidamente os caracteres porque elle se revela e se distingue facilmente de qualquer outra das muitas doenças que flagelam a vinha.

As folhas (fig. *a*) apresentam primeiramente pequenas manchas de fórma quasi sempre arredondada, côr de *folha morta*, egual nas duas paginas, e de dimensões que variam entre 2 a 3 millimetros de diametro. Espalham-se ellas sobre o limpo das folhas, não occupando, geralmente mais do que uma terça parte da sua superficie.

Decorridos um a dois dias povoam-se estas manchas, dos dois lados das folhas, de pequenas ponctuações negras, ou pustulas, menores do que cabeças d'alfinetes, e que são um signal caracteristico e nitido da presença do *Black-Rot*.

Alguns viticultores teem confundido estas lesões com as que são produzidas pela antrachnose maculada, devido ao facto de desapparecer o tecido morto que formava as manchas, deixando em cada uma d'ellas um buraco guarnecido d'uma aureola escura.

É dos conceptaculos ou ponctuações negras que se observam nas folhas, que mais tarde sáem os orgãos que vão germinar nos fructos, reproduzindo ahi identicas granulações que dão origem aos estragos consideraveis que o *Black-Rot* póde produzir nos cachos.

Não é raro, em annos seccos, existirem apenas nas folhas as lesões que esta doença produz, sendo insignificante ou nullo o damno causado nos fructos.

O *Black-Rot* começa quasi sempre pelas folhas, precedendo approximadamente um mez a invasão nos cachos, segundo a observação de Prillieux, Viala e Ravaz.

É nas folhas novas que primeiramente se desenvolve, sobretudo nas que se encontram mais proximas do solo.

Nos fructos (fig. *b*) inicia-se a invasão do *Black-Rot* por

pequenas manchas circulares, descoradas, e que augmentam successivamente, apresentando então a côr roxa clara, que escurece em muito pouco tempo, principalmente no centro d'essas manchas.

Pelo seu rapido desenvolvimento, em superficie e profundidade, ficam os bagos assim invadidos, completamente alterados ao fim de 2 dias, apresentando então uma côr escura mais intensa, a pelle molle e a polpa esponjosa que lhes dá o aspecto de uvas que houvessem sido mettidas em agua a ferver.

Passados 3 a 4 dias seccam então completamente e não poucas vezes se observam fendidas a pellicula e a polpa, deixando vêr as grainhas sem a menor alteração.

A côr negra do bago accentua-se mais n'esta occasião, fazendo lembrar, segundo Prillieux, o aspecto d'uma ameixa secca.

Em todas as manchas dos fructos apparecem, como nas das folhas, as ponctuações negras ou pustulas já referidas e que como dissemos constituem o symptoma mais caracteristico de invasões do *Black-Rot*.

Nem todos os cachos da mesma videira são atacados simultaneamente, nem tão pouco todos os bagos do mesmo cacho.

(Continúa). PALMA DE VILHENA.

A RUPESTRIS DO LOT (1)

Depois de *profundado estudo* das Rupestris, o Congresso Viticola Nacional, reunido em Lisboa no mez de fevereiro de 1895, votou as seguintes conclusões:

(1) Devemos á distincta amabilidade do illustre e considerado agronomo snr. *D. Luiz de Castro* a *penhorante fineza* de nos honrar com a publicação, na nossa *Revista*, d'um interessante trecho da nota com que S. Ex.ª acompanha o Capitulo relativo ás Rupestris, na traducção que faz do livro *Les Vignes Americaines de Viala e Ravaz* e que brevemente sahirá de prélo do Editor snr. Cromes — 70 — Rua Garret — Lisboa.

«A Rupestris póde, em circumstancias especiaes, supportar até 18 % de carbonato calcareo, mas deverá tomar-se apenas o limite de 10 %, se não se proceder a estudos particulares dos terrenos que indiquem e permittam uma percentagem superior.

«A selecção das melhores fórmas destas especies impõe-se como importantissima condição.

«Devem considerar-se como fórmas de subido valor, por muito vigorosas, nas Rupestris, entre outras, a Ganzin, Martin, Fortworth e a Monticola ou Phenomeno.

«O emprego de boas fórmas de Rupestris, e especialmente das designadas, nos terrenos pouco calcareos, a que são exclusivamente adaptaveis, deve regular-se pelas seguintes indicações:

«Solos de encosta pobres, siliciosos, ou argillo-siliciosos, seccos, seixosos, graniticos ou schistozos: *Rupestris Ganzin, Rupestris Fortworth, Rupestris Martin, Rupestris Monticola* ou *Phenomeno*, esta de preferencia nos argillo-siliciosos sobre as anteriores fórmas designadas».

Esta ultima Rupestris melhor denominada para evitar confusões; *Rupestris do Lot*, conforme o nome que lhe deu em 1888 o senhor Millardet, é uma das cepas americanas que n'este momento mais gosa do favor dos vinhateiros e dos mestres agronomos.

Julgamos que essa paixão do publico interessado se fundamenta em factos comprovados, repetidos e revistos, mas tambem consideramos que desde o começo da replantação com plantas americanas, essa paixão, tanto ou mais accentuada, se tem manifestado por outras castas hoje desprezadas ou pelo menos relevadas para um segundo plano.

Por isso, entre os canticos de louvor entoados em honra da Rupestris do Lot, e mesmo para os acompanhar, canticos que podem fazer suppôr a descoberta do porta-enxerto universal, é bom que se accrescente mais algum detalhe sobre esta casta de vinha, não escondendo nem os defeitos de que a accusam nem as qualidades que a exornam.

E comecemos por escrever o que de peor d'ella se tem dito; accusam-n'a de tornar os garfos quasi esteris ou d'uma fertilidade irregular ou pelo menos d'uma fructificação inferior á dos garfos sobre Riparias.

Factos são apontados, comtudo, em que esta affirmação é desmentida. Na *Revue de Viticulture* o senhor Richter cita numerosos exemplos de vinhas enxertadas em Rupestris do Lot com producções normaes de uva.

Os senhores Viala, Barbut e Gervais, mestres na especialidade, attestam a productividade dos enxertos, mas sobre condição de lhes ser applicada uma *poda sempre generosa*, e com tanta mais rasão quanto mais rico fôr o terreno e mais vigorosa a cepa.

Apesar d'esta cautela, porém, o senhor Gervais aponta dois casos

em vinhedos (Alicante × Bouschet sobre Rupestris do Lot, com cinco annos), que visitou no outomno de 1895 onde a colheita foi quasi nulla.

Como resistencia á phylloxera os senhores Coudere e Coutagne consideram-n'a inferior, medindo-se pouco mais ou menos com a Solonis, apreciação esta que póde reputar-se exagerada, não perdendo comtudo de vista que os senhores Viala e Ravaz tendo-lhe attribuido já a nota de resistencia 19,50, a passaram recentemente a 16.

Entretanto é preciso tambem notar-se que se as raizes d'estas Rupestris apresentam algumas tuberosidades, tambem em egualdade de circumstancias as teem exemplares das melhores Riparias, sem comtudo ninguem se lembrar de pôr em duvida a resistencia da Riparia Gloria, como diz o senhor Mazade.

Galhas phylloxericas nunca até hoje lhe foram notadas ao contrario do que succede sobretudo na Rupestris Mission, na Riparia × Rupestris e ainda na Solonis que nós vimos coberta de galhas ainda ha pouco tempo n'um viveiro municipal do departamento dos Alpes-Maritimos, annexo á Escola de Agricultura Pratica de Antibes.

Pega muito bem d'estaca e recebe com facilidade a enxertia emquanto nova, de resto como todas as americanas em geral e as Rupestris em especial.

Viticultores ha que enxertam a Rupestris do Lot no mesmo anno da plantação, fazendo-se esta muito cedo e a enxertia bastante tarde; affirmam-nos que o successo é completo, mas tambem que ha um enfraquecimento bem marcado no desenvolvimento da vegetação.

As soldaduras são boas e o borrelete apenas apparente.

Enladróa com demasiada facilidade, e tal facto demonstra que o maximo cuidado deve haver em inutilisar todos os olhos do cavallo, o que, aliás, é pratica a seguir sempre com todos os porta-enxertos americanos e principalmente com as Rupestris.

Para Portugal a Rupestris do Lot, as Riparia × Rupestris, as Aramon × Rupestris Ganzin, parece resolverem a questão do calcareo, conforme indica no seu relatorio apresentado ao Congresso Viticola de Lisboa, o senhor professor Henrique de Mendia. Pelos estudos dos senhores Houdaille e Mazade, sobre a Rupestris do Lot, publicados na *Revue de Viticulture*, após o Congresso portuguez, confirma-se a opinião d'aquelle professor-vinhateiro. Com effeito elles mostram-nos a Rupestris do Lot verde em solo de tufo quaternario com 87 % de calcareo, em solo rico de alluvião com 42 %, 35 % e 50 % de calcareo, chlorosada, é verdade, em solos pobres ainda que com *menos* calcareo e em clima de maior humidade; mas em todo o caso resistente sempre até aos limites de 30 % de calcareo.

O senhor Mendia classifica no *Livro do Congresso Viticola Nacional*, a pag. 59, a Rupestris do Lot como «um dos porta-enxertos, que pelas

suas faculdades de adaptação e provada resistencia, se encontra na vanguarda dos mais procurados e apreciados elementos de reconstituição nos terrenos calcareos, o que o não exclue no entretanto das terras pobres, secas e seixosas, e especialmente das argilo-siliciosas de encosta, onde a sua pujantissima vegetação rivalisa absolutamente, se não excede, a das melhores Rupestris.

«Do seu grande vigor e desenvolvimento, que Millardet affirma ser o maior entre todos os porta-enxertos empregados em grande cultura, podemos dar pessoal testemunho em plantações recentes.»

Não se confirmando, pois, os receios existentes com respeito á fructificação dos seus garfos, a Rupestris do Lot será um precioso porta-enxerto, pois que o outro seu inconveniente do enfadroamento, depende d'um maior ou menor cuidado manual do vinhateiro.

D. Luiz de Castro.

Por falta de espaço não publicamos um artigo sob o Congresso Agricola realisado ultimamente n'esta cidade, o que faremos no proximo numero.

ALTERAÇÕES DO VINHO

Saudando a *Vinha Americana em Portugal* e n'ella o seu muito illustre fundador, felicito vivamente a Agricultura Nacional pela acquisição de tão competente e auctorisado defensor, chamado sem duvida a, no momento actual, prestar os mais valiosos serviços á santa causa agricola.

Não obstante ter o seu titulo um sabor acentuadamente viticola, a *Vinha Americana* declara-nos abertamente occupar-se sem distinção, de todos os ramos d'agricultura nacional; bem haja. Maior é o campo que escolhe para distribuir sua acção benefica.

Um dos ramos agricolas que no momento presente carece da mais subida attenção é incontestavelmente a *Vinicultura*, ou seja a *arte de fabricar vinho*. Não só é ella, de todas as industrias ruraes, a mais importante, representando para a nação a sua principal fonte de receita, mas ainda porque nenhum outro ramo agricola se acha tão profundamente descurado entre nós como succede com este, a ponto de se desconhecerem as praticas mais rudimentares, mesmo as mais absolutamente indispensaveis á boa conservação do producto.

Que um vinho se pode alterar espontaneamente, é um facto conhecido de todos.

As causas d'essas alterações são da mais variada especie; as mais frequentes porém são devidas, conforme o demonstrou o insigne Pasteur, ao contacto com o ar athmospherico e á acção de fermentos especiaes que podem preexistir nos mostos desde o começo da vinificação e que, ao que parece, acompanham normalmente o fermento alcoolico.

Qualquer que seja a sua origem, estes parasitas não sendo rigorosamente eliminados não tardam a propagar-se, desenvolvendo-se á custa dos elementos constitutivos do vinho e dando ao mesmo tempo origem á formação de novos productos, cujo sabor estranho é, tanto para o viniciultor como para o consumidor, o unico indicio caracteristico do estado de alteração em que se encontra o seu producto.

Não obstante saber-se que o vinho é um liquido de per si tão delicado que o menor sabor estranho lhe é immediatamente transmittido, alterando-lhe profundamente o seu caracter, não é raro conservar-se o precioso nectar em vazilhas avariadas, podres ou mal lavadas, em adegas humidas mal arejadas, emfim votado a um estado de desleixo e falta de aceio que bem pouco compativel é com o espirito de um povo civilisado.

E comtudo, tratando-se como succede na maioria dos casos, não da preparação de vinhos licorosos especiaes ou de typos determinados para garrafa, mas sim tão sómente dos vinhos communs de consumo, a *technologia vinicola* póde considerar-se extremamente simples e resumir todos os seus preceitos á mais rigorosa, absoluta e até *pedantesca* limpeza. Qualquer desleixo por mais leve que seja ha de fatalmente vingar-se de quem o pratica. Se, até certo ponto, casos existem em que, mesmo o mais rigoroso aceio, é insufficiente para evitar certas alterações e suas consequencias complicadissimas!

Como regra geral diremos apenas que *evitar uma alte-*

ração é sempre mais facil que restituir a um vinho affecta-do, o seu caracter primitivo. Diremos mesmo, que presente-mente a technologia vinicola se sente quasi impotente em face do maior numero dos problemas que lhe são apresen-tados, limitando-se tão sómente a impedir a continuação do mal, aniquilando a causa, sem comtudo conseguir evitar os seus effeitos.

***

No rapido estudo que nos propomos fazer das alterações do vinho, distinguiremos duas classes: *as doenças* e os sim-ples *defeitos*.

Doente, no sentido restricto da palavra, está todo o vi-nho que, em virtude da acção de determinados micro-orga-nismos se acha em continua modificação. O caracter de um tal vinho acha-se pois em modificação crescente, proporcio-nal ao desenvolvimento do germen originario da doença, e só com o aniquilamento da causa, ou seja com a morte do fermento, se consegue fazer cessar os seus effeitos.

Dispõe o vinicultor effectivamente de meios seguros para na maior parte dos casos debellar o mal; taes são, en-tre outros, a sulfuração, pastorisação, etc. Esses elementos porém não obstam a que os productos de decomposição, for-mados pela acção do microbio, e que tão profundamente des-favorecem o caracter do vinho, ahi fiquem e só em rarissi-mos casos, e isso mesmo incompletamente, se consegue des-truir os effeitos do mal, de modo assaz satisfatorio.

Defeituoso, diz-se todo o vinho que, a par dos seus ele-mentos constitutivos, nos evidencia a presença de substan-cias estranhas.

A origem d'estas alterações é da mais variada especie, devendo attribuir-se as principaes, sobretudo á falta de accio tão essencialmente indispensavel e a manipulações erradas, como por exemplo, á fermentação imperfeita, gessagem, di-luição, abuso de correctivos de toda a especie, emprego de substancias impuras, assucares ordinarios, etc.

Muitas vezes ainda observam-se esses defeitos no proprio mosto, como por exemplo o cheiro detestavel a hydrogenio sulfurado proveniente do enxofre empregado na sulfuração das uvas.

Outra serie de defeitos são finalmente de natureza periodica e intimamente ligados a um certo grau de desenvolvimento do vinho.

Esta classe de defeitos, só difficilmente tambem se consegue combater de um modo inteiramente satisfatorio; em todo o caso, attendendo a que a sua origem não é devida a organismos de fermentação, está-se garantido contra o seu continuo desenvolvimento como succede com as doenças, o que já não é pequeno favor.

Corrigir esta classe de alterações é tarefa bem difficil senão totalmente impossivel. Na maior parte dos casos limita-se o vinicultor a traçal-o com grandes quantidades de vinhos sãos de modo a dissimular o mais possivel o sabor extranho.

Se o caracter do vinho se acha porém, por qualquer razão, profundamente alterado, o unico caminho racional a seguir é transformal-o em vinagre ou em alcool; casos mesmo existem, e bem vulgares, infelizmente, em que o producto se acha tão profundamente modificado no seu sabor, que não póde ser utilizado de uma ou de outra fórma; em taes circumstancias deve o producto considerar-se irremediavelmente perdido.

Do que fica exposto se deduz facilmente e como ponto principal, que toda a attenção do vinicultor deve convergir, acima de tudo, sobre os meios de evitar o mal e só em ultima instancia em o debellar.

No proximo numero completaremos este estudo com um rapido esboço das principaes *Doenças e Defeitos do Vinho*, debaixo do ponto de vista que possa interessar o vinicultor moderno.

A. Magalhães.

ADUBOS AGRICOLAS

A applicação e utilisação dos adubos, principalmente dos chimicos, nos terrenos destinados ao cultivo da videira, — afigura-se-nos ainda um problema de solução demorada e quasi impossivel, se considerarmos que, na maioria dos casos, a sua applicação é determinada: — *pela informação*, umas vezes: pelo *apparatoso de rèclamo*, outros: e simultaneamente por um acto aventuroso, aliás justificado perante a necessidade de avigorar a planta e de fazel-a produzir de um modo remunerador dos sacrificios e dispendios a que obriga incessantemente.

É, fóra de toda a duvida, um problema, e problema serio, a estrumação dos terrenos, qualquer que seja a sua cultura; mais serio porém se torna esse problema, se nos circumscrevermos aos terrenos que, por sua historia ou tradições, necessidades locaes e disposição cultural, — sómente produzem a videira, essa preciosa planta d'onde se extrae, como se fôra uma auwifera, o ouro que circula no paiz e ainda nos ampara ou sustenta em tal ou qual equilibrio, conjuntamente com o extrahido tambem pela venda dos productos coloniaes.

Carece, portanto, este problema agricola, d'uma solução, — pratica e economica como convém aos interesses dos viticultores, — visto que d'elles está dependente uma das principaes riquezas do paiz.

As praticas adoptadas até hoje não podem continuar; por isso urge que se faça alguma coisa, capaz de modificar os inconvenientes resultantes de repetidos insuccessos e permanentes incertezas, que terminarão por levar o desanimo ainda aos mais arrojados e favorecidos de meios de fortuna.

Sem embargo, porém, do que possa provocar a reconhecida insufficiencia de nossos conhecimentos sobre o assumpto, — o que não deve admirar porque não somos profissional; nem possuimos as noções praticas que ás vezes supprem as theorias, — é nosso proposito manifestar, n'esta secção da *Vinha Americana em Portugal*, o que nos parece mais consentaneo ao caracter que deve tomar de principio a solução do problema.

Sabe-se que os terrenos não conteem todos, nas mesmas proporções, os principios fertilisantes indispensaveis á cultura, por ser diversa a sua constituição e formação: e que, convergentemente, é tambem diversa a influencia dos agentes atmospherícos, a cuja acção se deve attender, a par da posição ou exposição particular de cada terreno e outros accidentes de origem e especies varias.

Portanto será de primeira intuição que indispensavel se torna conhecer primeiro a natureza ou qualidade do solo; isto é, sua composição chimica, e a proporção em que entram n'elle os elementos fertilisantes indispensaveis a uma regular cultura, ou adaptação de cultura ao terreno preferido.

Sómente n'estas condições poderá ser util e efficaz, e sobretudo compensador o emprego dos adubos, e consequente a escolha. De outro modo as vantagens a colher das estrumações serão duvidosas, quando não absolutamente negativas para o fim que as determinou.

Mas será facil conseguir que o lavrador conheça, pela analyse, o terreno das suas propriedades, e que se habilite a utilisar os resultados das analyses? Será difficil. Apenas uma diminuta minoria de viticultores, porém dos mais arrojados e de iniciativa, o poderão conseguir. Os restantes, como em tudo, aguardarão os successos alheios, esperando que as analyses se façam por iniciativa official!... conjuntamente com a vulgarisação de conhecimentos uteis, accessiveis a todas as intelligencias e a todas as vontades tambem.

Todos querem *tirar* da terra tudo quanto ella póde dar, mas muito poucos podem ou querem dar-lhe em troca alguma coisa, além dos seus cuidados usuaes, e quasi authomaticos.

Pois é preciso pensar que, nos terrenos, como em tudo,—*onde se tira e não se põe, vem a faltar*; e que terra ou organismo cançado ou esgotado não produz ou não preenche as suas funcções.

É preciso estrumar as terras; pagar-se-lhes o que o se lhes pede emprestado, não esquecendo o juro — que justifica n'este caso, a necessidade do emprestimo de credor tão exigente.

Entraremos na questão, propriamente dita, no proximo numero.

CARLOS AFFONSO.

A VINHA DO JAPÃO NA EUROPA

Não cessam as investigações tendentes a obter o successivo aperfeiçoamento da viticultura como consequencia que resulta da necessidade de luctar contra a contingencia em que a collocam os numerosos flagellos que na actualidade a perseguem.

A França, principalmente, dá-nos o exemplo da mais accentuada actividade na procura dos meios que possam conduzir tão importante industria ao seu maximo grau de prosperidade e perfeição.

É assim que cada dia apparecem interessantes e curiosos estudos n'este sentido.

Estão n'este caso e constituem hoje objecto da attenção da viticultura illustrada os presistentes trabalhos do snr. Caplat sobre a adaptação das vinhas chinezas e japonezas na Normandia.

Em 1882 iniciou o snr. Caplat as suas curiosas e notaveis investigações fazendo a sementeira de grainhas de vinhas selvagens que os missionários Lazaristas haviam descoberto nas florestas virgens da China, continuando até agora uma serie de interessantes ensaios relativos á sua adaptação em diversos departamentos de França, ao seu grão de resistencia á phylloxera e outras doenças graves da vinha, e finalmente á qualidade do vinho que produzem.

O snr. Caplat conseguiu obter e cultivar em larga escala uma variedade que denominou «Precoce Caplat» e que, manifestando accentuada resistencia á phylloxera, ao *mildiw* e *Black-Rot*, é notavelmente precoce no desenvolvimento e maturação dos seus fructos.

Provenientes de regiões frias, montanhosas e humidas, as videiras do Japão, comquanto porisso mais apropriadas para terrenos em taes condições, vegetam admiravelmente tambem nas regiões temperadas onde se desenvolvem as videiras europêas.

Eis a descripção que o snr. Caplat apresenta das qualidades que distinguem a variedade a que nos vimos referindo:

«A casta que mais tenho propagado é o «Precoce Caplat» que tem a sua origem no Japão e foi semeada de 1884-1885. Todos os esclarecimentos obtidos sobre esta variedade, em diversos pontos de França, são realmente satisfatorios. Esta videira manifesta-se vigorosa perante as invasões da phylloxera, do *mildiw* e do *Black-Rot*. A sua vegetação é admiravel; as folhas attingem 32 centimetros de comprido por 45 de largo; os peciolos tem 15 a 30 centimetros de comprimento. Em Saboia, perto de Albertville, a 400 metros d'altitude, terreno phylloxerado, em valles frios e pedragosos, vegeta muitissimo bem, tendo amadurecido os fructos até ao dia 15 de setembro no anno de 1895.»

Segundo o snr. Lindet, distincto professor do Instituto

nacional agronomico de Paris os caracteres ampelographicos mais distinctivos das videiras chinezas e japonezas, são:

«Sarmentos compridos; vegetação vigorosa; peciolos geralmente córados de vermelho vinoso ou violeta, alongados e algumas vezes cobertos de pellos de côr que varia do vermelho para amarello. Alguns peciolos apresentam-se cobertos d'espinhos. As folhas são grandes, cordiformes ou *bi*, *tri* e pentalobadas. Os cachos teem 20 a 30 centimetros de comprimento e são constituidos por bagos esphericos e separados. Estes são, em geral, de pelle fina, pouco porosa e brilhante — apresentando a polpa colorida de vermelho carregado.»

Tanto nos Perineus, no alto Garona, como nas margens do Cher e ainda na Borgonha, em terrenos diversos e todos elles phylloxerados, é extraordinario o desenvolvimento que as videiras japonezas alcançam.

O snr. Caplat fazendo a justa apologia d'esta qualidade de videiras para as regiões mais frias, e onde é impossivel conseguir a maturação das uvas das castas européas, considera-as tambem como excellentes porta-enxertos nas regiões temperadas, além de poderem constituir de futuro um valioso recurso para a hybridação pelas suas notaveis qualidades de resistencia á phylloxera, ao *Black-Rot* e ao *mildiw* a par da sua grande productividade.

Estudos d'interesse tem tambem sido feitos sobre o vinho produzido pelas videiras do Japão.

A analyse chimica mostra que a sua força alcoolica não excede 9 a 10 gráus. Apresenta porém uma coloração muito intensa, bastante corpo e gosto muito agradavel.

Sob o ponto de vista commercial é considerado em França como um bom vinho de lotação e que poderá ser destinado a substituir os vinhos tintos hespanhoes até agora utilisados para augmentar o corpo e côr d'alguns vinhos francezes.

PALMA DE VILHENA.

ERRATA

Na 3.ª pagina, linha 4.ª, onde se lê—*phylloxera*—leia-se—*epyphitia*.

RALÃO-NOTE

MARCA REGISTADA

O ALIMENTO MAIS BARATO PARA OS GADOS — RESULTADOS SEGUROS
ENORMES ECONOMIAS DE PREÇOS — NUTRIÇÕES EXTRAORDINARIAS

Os magnificos resultados, obtidos na alimentação de todos os gados com o nosso **RALÃO-NOTE**, abriu logar á *falsificação* ou *imitação*, offerecendo productos que em logar de dar uma sadia nutrição, podem dar origem a serios desgostos.

Para evitar que os nossos freguezes sejam enganados na sua boa fé, resolvemos:

Que os saccos que sahirem da nossa fabrica, com **RALÃO-NOTE**, sejam cosidos duas vezes, unindo as duas pontas do fio por um sêllo de chumbo, com as nossas marcas registradas, conforme o desenho acima.

Devem, pois, os nossos freguezes, exigir nos saccos o nosso sêllo, que de um lado tem as palavras: **RALÃO-NOTE** em circumferencia e no centro: MARCA REGIST. Do outro lado tem a cabeça de um «PORCO» e em volta as palavras: MARCA REGISTRADA.

Na fabrica ha em permanente exposição, magnificos porcos, soberbos bois para nutrição e trabalho, mullas para serviço da fabrica, e diversas aves.

Todo este gado come como ração unicamente o **RALÃO-NOTE**, sêcco.

Remette-se gratuitamente, a quem requisitar, folhetos indicando o modo de applicar o **RALÃO-NOTE** aos gados.

Pedidos e mais esclarecimentos á

Fabrica de oleos PROGREDIOR

DE

FRANCISCO GONÇALVES CORTEZ

EM

VILLA NOVA DE GAYA

Escola Elementar de Agricultura Pratica

De LOUSADA

A manteiga produsida n'esta Escola vende-se ao preço de 1$200 reis o kilo nos seguintes estabelecimentos:

No Porto { *Aurélio da Paz dos Reis*, Praça de D. Pedro, 57.
Carlos Falcão, Rua de Santa Catharina, 117.
Joaquim Pinto Queiroz, Rua do Rosario, 785.
Na Foz — *João Pereira Cardoso*, Rua da Senhora da Luz.
Em Mathosinhos — *João dos Santos Gomes*, Rua Direita.
Braga — *Bernardo José da Silva*, Rua de D. Pedro V, 80.
Peso da Regoa — D. Maria Fortunata Guedes d'Amorim.
Coimbra — *A. Cruz Machado*, á Sé Velha.
Lousada — *Adrião Lopes e Moura*.
Felgueiras — *Joaquim Luiz da Silva*.
Lixa — *Leonardo & Coimbra*.

SULPHATO DE COBRE, Superior

Analysado no LABORATORIO CHIMICO AGRICOLA DO PORTO e approvado

PARA O TRATAMENTO DAS VINHAS

Vendem:

RODRIGUES IRMÃOS

21, LARGO DOS LOYOS, 23

PORTO

GESSO

PARA ADUBO DAS VINHAS

Este gesso applicado na vinha concorre poderosamente para o seu desenvolvimento.

Dá tambem excellentes resultados na cultura das leguminosas e em todas as plantas avidas de potassa. Preços sem competencia.

Pedidos a ROCHA & DIAS

Travessa da rua do Bacão de Nova Cintra n.º 51

PORTO

PULVERISADORES

SYSTEMA VERMOREL

A fabrica de **Industria Portugueza** vende estes pulverisadores, malas para viagem, tubos de borracha e linho com aspiral, borracha em pasta, louça de chapa de ferro estanhada, banheiras e outros artigos por preços sem competencia.

Rua de Santa Catharina, 150

PORTO

Typ. Gandra, rua de Entre-paredes, 80